

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2009

NATHALIE STUTZMANN

CONTRALTO

INGER SÖDERGREN

PIANO



Comunicação também é unir pessoas sem dizer uma palavra.

Telefônica. Patrocinadora dos Concertos da Sociedade de Cultura Artística.

Telefônica

Desfrute o progresso

www.telefonica.com.br

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

NATHALIE STUTZMANN
CONTRALTO

INGER SÖDERGREN
PIANO

NATHALIE STUTZMANN — CONTRALTO

Dona de uma das vozes mais raras do canto lírico da atualidade e de uma notável personalidade musical, a contralto Nathalie Stutzmann nasceu em Paris, em 1965, e estudou piano, fagote, regência e música de câmara, antes de dedicar-se ao instrumento que lhe renderia renome internacional: a voz. Canto, essa excepcional musicista francesa começou a estudar sob a orientação de sua mãe, a soprano Christiane Stutzmann. Posteriormente, deu continuidade a seu aprendizado na Escola de Arte Lírica da Ópera de Paris e, por fim, com o famoso barítono baixo alemão Hans Hotter. A estreia em salas de concerto aconteceria em 1985, na *Salle Pleyel* parisiense, seguida, em 1986, do *début* como recitalista, na cidade de Nantes.

Já em meados da década de 80, suas atuações nos palcos operísticos despertaram atenção, tanto na tragédia lírica *Tête d'Or*, de Henry Barraud, como em *Guercoeur*, de Albéric Magnard. O registro em estúdio da *Amadigi di Gaula*, de Haendel, em 1989, sob a regência de Marc Minkowsky, recebeu fartos elogios da crítica, tanto pelo caráter incisivo como pela qualidade dramática da interpretação. Stutzmann daria voz ainda a outras criações de Haendel, além de ao papel-título de *Orfeu e Eurídice*, de Gluck, à Erda de Richard Wagner, em *O Anel dos Nibelungos*, e ao príncipe Orlofsky de Johann Strauss, em *Die Fledermaus*.

Como solista, Nathalie Stutzmann tem se apresentado ao lado das principais orquestras do panorama erudito internacional, tais como a Orquestra Filarmonica de Berlim, a *Staatskapelle* de Dresden, as orquestras sinfônicas de Boston e Londres, a *Orchestre de Paris* e a Orquestra Real do *Concertgebouw* de Amsterdã, dentre muitas outras — sempre sob a batuta de expoentes da regência como, para citar apenas alguns nomes, Riccardo Chailly, Seiji Ozawa, Sir John Eliot Gardiner, Sir Simon Rattle e Christoph von

Dohnányi. Seu vasto repertório abrange as grandes obras do Barroco, do Classicismo e do Romantismo, assim como a música do século XX.

Boa parte desse repertório encontra-se registrado nos mais de 75 álbuns que a artista gravou em uma trajetória de mais de duas décadas. São registros preciosos, aclamados pela crítica internacional e agraciados com os prêmios mais importantes da indústria fonográfica, incluindo-se aí desde o Prêmio da Crítica Fonográfica Alemã até o *Diapason d'Or*, passando, naturalmente, pelo *Grammy Award* norte-americano.

Hoje, Nathalie Stutzmann dedica boa parte de suas temporadas anuais à interpretação das *mélodies* francesas e do *Lied* alemão — duas de suas especialidades —, de Chausson e Poulenc a Schumann e Schubert. Desde 1994, a cantora vem se apresentando pelo mundo todo na companhia da pianista sueca Inger Södergren, com quem gravou, por exemplo, *Die schöne Müllerin* e *Schwanengesang*, duas das peças que integram o espetáculo de hoje. Acerca desta última, a artista declarou: “Gravar o *Schwanengesang* era um sonho antigo. Não existem muitas gravações dessa obra, que, além disso, raramente é apresentada nos palcos”. Para a artista, a surpreendente simplicidade dos *Lieder* schubertianos representa um enorme desafio para qualquer intérprete: “É por isso que essas canções falam diretamente à alma e ao coração. Em arte, não existe nada mais difícil do que a simplicidade”.

A despeito da agenda lotada, Nathalie Stutzmann, que recebeu do governo francês o título de *Chevalier des Arts et des Lettres*, ainda encontra tempo para ministrar bom número de *master classes* e, em 2008, fundou sua própria orquestra de câmara — a *Orfeo 55* —, à frente da qual vem se apresentando este ano com obras de Vivaldi e Pergolesi.



JEAN-FRANÇOIS LECLERCQ



INGER SÖDERGREN — PIANO

Nascida na Suécia, onde iniciou seus estudos musicais, a pianista Inger Södergren foi agraciada pela Real Academia de Música de Estocolmo com uma bolsa de estudos que a conduziu, primeiramente, a Viena e Salzburgo e, depois, à França, onde estudou sob a orientação da compositora e regente Nadia Boulanger e da pianista Yvonne Lefébure.

Concluídos os estudos, Södergren rapidamente revelou-se musicista de enorme talento e originalidade, lançando-se em uma carreira internacional de grande sucesso. Renomada pela grande precisão e perspicácia que demonstram suas interpretações de compositores como Beethoven, Schumann e Brahms, Södergren possui o dom de revelar verdadeiros tesouros ocultos nas peças que interpreta, por mais conhecidas que sejam. De fato, sem qualquer receio de deixar-se guiar pela intuição, e ignorando modismos de toda sorte, essa extraordinária pianista conta entre seus talentos o de desenhar ao piano toda uma gama de estados de alma capaz de surpreender o mais experimentado ouvinte.

É o que atestam as plateias dos grandes palcos internacionais nos quais Södergren apresenta-se com frequência, como as das jornadas pianísticas *Piano quatre étoiles*, em Paris, *Les grands concerts*, promovida pelo *Théâtre des Champs Élysées*, e *Les grandes interprètes*, na *Salle Gaveau*.

Na condição de recitalista, Södergren costuma apresentar-se nas grandes capitais mundiais das artes e da cultura, como Paris, Londres, Berlim, Milão, Madri, Amsterdã, Nova York e Tóquio. Igualmente disputadas são suas apresentações ao lado da celebrada contralto francesa Nathalie Stutzmann, com quem a pianista vem, desde 1994, excursionando e gravando *Lieder* de Schumann, Schubert e Brahms, assim como melodias de Chausson e Poulenc.

Ainda no âmbito fonográfico, os registros de Södergren têm recebido entusiasmada acolhida por parte de crítica e público, conquistando prêmios como, por exemplo, o *Diapason d'Or*, o *Choc*, da revista *Le Monde de la Musique*, e o *Grand Prix du Disque*.

Ademais das atuações nos palcos e estúdios, Inger Södergren ministra frequentes *master classes* para instrumentistas do mundo todo.

MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA – 2009

A contribuição financeira dos **Amigos e Mantenedores** da Sociedade de Cultura Artística em 2009 será inteiramente destinada à promoção do projeto sociocultural

Ouvir para Crescer. Acreditamos firmemente na necessidade da educação e da formação de público para a música de qualidade, e esse é o objetivo do **Ouvir para Crescer.** Assim, o projeto leva espetáculos-aula, que entretêm ao mesmo tempo em que educam, a comunidades em que a oferta cultural é escassa.

A Lei Rouanet possibilita isenção fiscal de até 100% do valor que os **Amigos e Mantenedores** oferecem ao projeto **Ouvir para Crescer.**

Pessoas físicas podem deduzir até 6% de seu imposto de renda a pagar, e pessoas jurídicas, até 4%. Trata-se, pois, de um investimento seguro e a custo zero, mas com grande impacto não apenas sobre nossas atividades, como também sobre a cultura brasileira como um todo.

MANTENEDORES

Adolpho Leirner
Adriana Crespi
Adroaldo Moura da Silva
Afonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Ameribras Ind. e Comércio Ltda.
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Júnior
Bruno Alois Nowak
BVDA/Brasil Verde Design
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Carmo e Jovelino Mineiro
Cassio Casseb Lima
Centauro Equipamentos de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Eduardo Altenfelder
Elisa Villares L. Cesar
Elisa Wolyneć
EPU-Edit. Pedagógica e Universitária
Erwin Herbert Kaufmann
Estrela do Mar Part. Adm. De Bens Ltda.
Etsuko Nishikawa (I.M.)
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe e Hilda Wroblewski
Fernando Carramaschi
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Flávia Prada Ferreira
Francisca de Paula Harley
Gérard Loeb
Giancarlo Gasperini
Gioconda Bordon
Giorgio Nicolí
Giovanni Guido Cerri
Helio Matar
Helio Seibel
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcantara Machado
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio De Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luis Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Alves Pereira

Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Marcio Augusto Ceva
Maria Helena L. Gandolfo
Maria Izabel Piza da Silva Gordo
Mario Arthur Adler
Medlab Produtos Médicos
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Natan e Irene Berger
Neli Aparecida de Faria
Nelio Garcia de Barros
Nelson Nery Jr.
Nelson Reis
Pedro Stern
Polimold Industrial S/A
Renata e Sergio Simon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo L. Becker
Roberto Civita
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Mehler
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbivcher
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sergio Almeida de Oliveira
Sílvia Dias de Alcantara Machado
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Thyrso Martins
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
4 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Annenberg
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
Andrea Sandro Calabi
Anna Veronica Mautner
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Argetax Adm. e Part. em Empreendimentos
Bruno Musatti
Caçados Casa Eurico
Carlo Zufellato
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos Mendes Pinheiro Jr.
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Carlos Stegmann
Carmen Carvalhal Gonçalves
Cassio A. Macedo da Silva
Claudia A. G. Musto
Claudio Alberto Cury
Claudio Nehton Mattos de Lemos
Cláudio Roberto Cernea
Conceição Aparecida de Matos Segre
Edith Ranzini
Edmond Andrei
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobaran
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elias e Elizabete Rocha Barros
Elio Sacco
Eugenia Lukin
Fabio Carramaschi
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fernando K. Lottenberg
Fernando R. A. Abrantes
Fernando Teixeira Mendes
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Junior
Gerald Dinu Reiss
Guilherme A. Plonski
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Henrique B. Larroude
Henrique Eduardo Tichauer
Herbert Gruber
Horacio Mario Kleinman
Ignês A. F. Silva
Iosif Sancovsky
Isaac Popoutchi
Issei Abe
Itiro Shirakawa
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Jayme Vargas
Jeanette Azar
Jerzy Mateusz Kornbluh
João Baptista Raimo Jr.
Jorge e Léa Diamant
Jorge e Liana Kalil
José Avelino Grota de Souza
José Carlos Teixeira
José e Priscila Goldenberg

José Luiz Setubal
José Paulo de Castro Ensenhuber
José Theophilo Ramos Junior
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Léo Ernest Dreyfuss
Leo Kupfer
Lilia Salomão
Lina Saigh Maluf
Lucio Gomes Machado
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Marcello D. Bronstein
Marcos Flávio Correa Azzi
Margot Cecilia Nugent
Maria Aparecida A. Clemente
Maria Bonomi
Maria Claudia Ballesteros
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario Higino N. M. Leonel
Mario R. Rizkallah
Marta D. Grostein
Mauricio Leonzini
Mauris Warchavchik
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Monica Mehler
Morris Safdie
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Patrick Charles Morin Jr.
Paul Emmenegger
Paulo Cezar C. B. C. Aragão
Paulo Guilherme Leser
Paulo Humberto L. de Almeida
Percival Lafer
Plinio J. Marafon
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Regina Weinberg
Renato Mezan
Renato Polizzi
Ricardo B. Gonçalves
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Samuel Lafer
Sandra Maria Massi
Sergio Leal C. Guerreiro
Tales U. Bieszczad
Tamas Makray
Tarcisio V. Ramos
Thomas Frank Tichauer
Thomaz Farkas
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vera C. Bresser Pereira
Vera Cartunda Serra
Vitor Maiorino Netto
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (In Memoriam)
Zofia Davidowicz
17 Amigos Anônimos

Para mais informações,
ligue para (11) 3256 0223
ou escreva para
administracao@culturaartistica.com.br

A música que toca dentro de nós

A edição de 24 de agosto da revista americana *The New Yorker* traz um belo artigo do crítico musical Alex Ross, intitulado "Imaginary Concerts". O texto de Ross, sempre agradável, fala sobre a música que existe apenas nas páginas da literatura, nos grandes romances como *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust, ou *Morte em Veneza* e *Doutor Fausto*, de Thomas Mann. Os exemplos se referem à música composta por personagens ficticiais, e não a comentários de personagens desses romances sobre determinadas obras do repertório clássico musical. Está aberto o espaço para doces divagações. Como seria na realidade o trecho tão comovente da famosa "Sonata de Vinteuil", o tema de amor de Odette e Swan, a melodia que acompanha o leitor ao longo do primeiro volume da série? Proust inspirou-se, de fato, em uma sonata de Francis Poulenc? Teria Thomas Mann pensado em Gustav Mahler ao criar Gustav von Aschenbach, o compositor de *Morte em Veneza*? Não importa. Plausíveis ou não, as contrapartidas reais pouco significam diante da criação literária, ou mesmo da imaginação de quem lê e ouve uma obra de arte apaixonadamente. Mas o artigo de Ross — que, aliás, mantém um blog bastante ativo e interessante em www.therestisnoise.com — não trata apenas do que é possível escutar nas páginas de Proust ou Thomas Mann. Fala, sim, e principalmente, da música única que cada ouvinte cria exclusivamente para si, tanto na sala de concerto como ao ouvir uma gravação. Ao escutarmos uma peça com atenção, ainda que bastante conhecida, sempre poderemos reconhecer novos e pequenos detalhes, redimensionar a experiência que ela nos proporciona e que, por sua vez, nos leva a construir novos sentidos para a vida. Essa é a música que toca apenas para cada um de nós.

Gioconda Bordon

gioconda@culturaartistica.com.br

1912: MÚSICOS.

1950: ATORES.

1970: BAILARINOS.

2008: BOMBEIROS.

*Ajude o Teatro Cultura Artística
a emocionar de novo.*

Há muitos anos, o Teatro Cultura Artística é referência internacional da música e das artes cênicas.

Mas o incêndio que destruiu suas instalações em 2008 pode fazer essa história acabar.

Participe do projeto que vai reconstruir e trazer de volta ao público brasileiro o Teatro Cultura Artística.

Faça sua doação: 0800 708 2009

Banco do Brasil – Ag. 3687-0 – c/c 286000-7
Assoc. “Sociedade de Cultura Artística” – CNPJ 60.756.178/0001-99

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

www.culturaartistica.com.br

CULTURA ARTÍSTICA ITAIM

Acaba de ser inaugurado o Cultura Artística — Itaim, o mais novo espaço cultural da cidade. Localizado à Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, 1830, no Itaim Bibi, o espaço receberá concertos de câmara, peças de teatro e eventos empresariais, complementando as atividades que promovemos na Sala São Paulo e cidades do interior.

O Cultura Artística — Itaim é uma sala de 303 lugares, com ótima acústica e um piano Steinway Hamburgo, o mesmo modelo que utilizávamos em nosso teatro na Rua Nestor Pestana. Além de condições técnicas excelentes, o espaço conta com estacionamento próprio, café e fácil acesso, tanto pela Avenida Presidente Juscelino Kubitschek como pela Rua Leopoldo Couto de Magalhães Júnior.

PROGRAMAÇÃO DO CULTURA ARTÍSTICA — ITAIM

MÚSICA NO SÉCULO 21

Em setembro a série é dedicada à chamada “música degenerada”, denominação utilizada pelo regime nazista para qualificar a obra de compositores judeus e a música moderna influenciada pelo atonalismo e pelo jazz, incluindo compositores como Hindemith, Alban Berg e Schoenberg.

Toda terça-feira às 20h30, entrada gratuita.



OLGA KOPYLOVA

OUVIR PARA CRESCER

Com esse projeto inovador, a Sociedade de Cultura Artística leva ao público paulista espetáculos de caráter didático que visam a sensibilizar o ouvinte para a música. Dentre outros, participam grupos como Barbatuques, Camerata Fukuda e André Mehmarí Trio.

Toda quarta-feira, entrada gratuita.

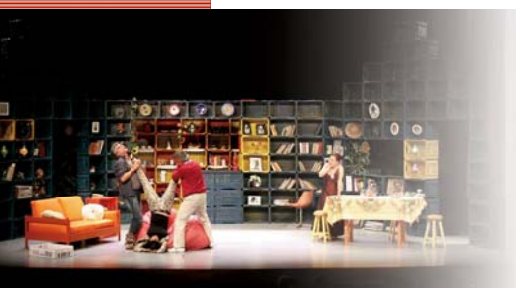


SAXOMANIA

ADOREI O QUE VOCÊ FEZ

De autoria da dramaturga francesa Carole Greep, o espetáculo *J'aime Beaucoup Ce Que Vous Faites* estreou em Paris em 2003, no teatro Le Mélo d'Amélie, e já superou a marca de duas mil apresentações. Com Tato Gabus Mendes, Márcia Cabrita, José Rubens Chachá e Nora Toledo, sob a direção de Alexandre Reinecke.

Sexta-feira às 21h30, sábado às 21h e domingo às 18h.
Ingressos a R\$ 80,00 e R\$ 90,00.





APOIADORES DA RECONSTRUÇÃO

Nesta página, listaremos todas as pessoas e organizações que têm contribuído concretamente para a reconstrução do nosso teatro, da nossa nova casa. A lista começará pequena, mas esperamos que a solidariedade e o espírito cívico dos membros de nossa comunidade a façam crescer muito rapidamente.

A vocês, o nosso muito obrigado!

Aggrego Consultores

Ana Maria Xavier

Antônio Fagundes

Area Parking

Beatriz Segall

Brasília de Arruda Botelho

Camila Zanchetta

Claudio Lottenberg

Compacta Engenharia

Condomínio São Luiz

Credit Suisse

Credit Suisse Hedging-Griffo

Editora Abril

Editora Globo

Editora Três

Elaine Angel

Ercília Lobo

O Estado de S. Paulo

Folha de S. Paulo

Fundação Padre Anchieta

Fundação Promon

Gabriela Duarte

Gilberto Kassab

Gilberto Tinetti

Hotel Ca'd'Oro

Hotel Maksoud Plaza

Jamil Maluf

José Carlos Dias

Lúcia Cauduro

Marcelo Mansfield

Marco Nanini

Maria Adelaide Amaral

McKinsey

Mônica Salmaso

Nelson Kon

Oi Futuro

Oscar Lafer

Paulo Bruna

Rádio Eldorado

Revista Brasileiros

Roberto Baumgart

Roberto Minczuk

Sidnei Epelman

Silvia Ferreira Santos Wolff

Silvio Feitosa

Susanna Sancovsky

Talent

Terra

Uol

Zuza Homem de Mello

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

21 de setembro, segunda-feira, 21H

Franz Schubert (1797-1828)

Die schöne Müllerin, D.795

Das Wandern

Wohin?

Halt!

Danksagung an den Bach

Am Feierabend

Der Neugierige

Ungeduld

Morgengruss

Des Müllers Blumen

Tränenregen

Mein!

c. 32'

intervalo

Pause

Mit dem grünen Lautenbände

Der Jäger

Eifersucht und Stolz

Die liebe Farbe

Die böse Farbe

Trockne Blumen

Der Müller und der Bach

Des Baches Wiegenlied

c. 33'

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

22 de setembro, terça-feira, 21H

2009 SOCIEDADE
DE CULTURA
ARTÍSTICA

Franz Schubert (1797-1828)

Drei Klavierstücke, D.946

Allegro assai
Allegretto
Allegro

c. 27'

intervalo

Schwanengesang, D.957

Liebesbotschaft
Kriegers Ahnung
Frühlingssehnsucht
Ständchen
Aufenthalt
In der Ferne
Abschied
Der Atlas
Ihr Bild
Das Fischermädchen
Die Stadt
Am Meer
Der Doppelgänger

c. 48'

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo

ARCADI VOLODOS PIANO

Série Branca, 20 de outubro, terça-feira

Série Azul, 21 de outubro, quarta-feira

Scriabin Estudo em Fá sustenido maior, opus 42, nº 3, Prelúdios em Si bemol menor, opus 37, nº 1, e opus 11, nº 16, Dance Languide, opus 51, nº 4, Flammes Sombres, opus 73, nº 2, Guirlandes, opus 73, nº 1, e Sonata nº 7, opus 64.

Ravel Valses Nobles et Sentimentales.

Albéniz Cordoba (de Cantos de España) e La Vega.

Liszt Après une Lecture de Dante.

Sala São Paulo

ORQUESTRA DA WIENER AKADEMIE

MARTIN HASELBÖCK REGÊNCIA

CHORUS SINE NOMINE

Série Branca, 27 de outubro, terça-feira

Série Azul, 28 de outubro, quarta-feira

Schubert Missa em Sol maior

Haydn Stabat Mater

Informações e ingressos: (11) 3258 3344

Vendas online: www.culturaartistica.com.br

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2009 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

Franz Schubert (1797-1828)

Schubert nasceu, viveu e veio a falecer em Viena, então sede do Império Austríaco e, também, a capital europeia da música. Essa cidade encantadora, entretanto, o ignorou. A elite musical da época estava mais interessada nas óperas de Rossini e até mesmo nas obras não muito difíceis de Beethoven, além de na música para dançar e para se divertir. Foi, no fundo, por isso que Schubert deixou centenas de refinadas partituras que não foram sequer ouvidas quando ele era vivo. Algumas delas, como a hoje tão amada e famosa *Sinfonia Inacabada*, composta em 1822, foram mostradas ao público apenas muito tempo depois do desaparecimento do autor. Essa sinfonia, por exemplo, só seria estreada em 1867, 45 anos depois de haver sido escrita.

Respirando música em casa, no colégio onde foi posto para estudar e, enfim, por toda parte, esse artista desde sempre dono dos mais extraordinários dotes jamais deixou de conceber e de escrever música. Segundo relato de contemporâneos seus, ele era literalmente um “possuído” pela música, sempre distraído, por vezes aparentando ser um sonâmbulo, de tão concentrado em seu pensar musical. Anotava as ideias sonoras que lhe vinham à mente até mesmo na toalha de mesa de algum café, se, no instante da inspiração, faltava-lhe papel pautado. O esplendor generoso de sua veia melódica só tem um paralelo na história da música — Mozart, que, como ele, vivia com a mente transbordando música. Como se isso fosse a coisa mais natural deste mundo.

Baixinho, de rosto “não belo”, como haveria de dizer Machado de Assis, se o tivesse conhecido, deselegante e tímido, Schubert foi apelidado de “Cogumelo” por alguns de seus companheiros. Retraído ao extremo, ainda que muito simpático e afável, ele não foi feito nem para o formalismo e a etiqueta da vida social, nem para as exigências da rotina da chamada vida prática. Não conseguiu ser mestre-escola no estabelecimento do pai, o que poderia ter lhe propiciado alguma renda certa e fixa. Os alunos, porém, não respeitavam aquele professor distraído e desajeitado. Da mesma forma, não adquirira domínio excepcional sobre nenhum instrumento. Isso poderia ter eventualmente feito dele uma celebridade no ambiente musical, como havia sido o caso do seu temível contemporâneo, Beethoven, quando jovem. Também esse mestre descomunal vivia em Viena e, ainda que não se conhecessem, o rapaz sentia-se perseguido por ele, em sua imaginação: confessou perceber atrás de si o barulho dos “passos de um gigante”. Schubert tinha para si apenas um grupo fiel de amigos, muito calorosos, e morava com um ou outro durante temporadas. Era pobre o suficiente para não ter um apartamento só para si. Não era dono nem mesmo de um piano, o necessário companheiro da vida de um músico de então.

Um boêmio embriagado de música

Rodeado por poetas, cantores e pintores, Schubert levava o que se chamava na época de “uma vida boêmia”. Isso, naquele tempo, significava que, além de solteiro, ele frequentava bares, não sendo

alcoólatra, e casas de má reputação, onde parece ter perdido a virgindade, não se sabe bem quando. E, muito à sua maneira, participava de reuniões em casas ou apartamentos de amigos, nas quais liam-se poemas, trechos de romances e de peças teatrais de seus companheiros, e ouviam-se danças, músicas curtas e canções de sua própria autoria.

Uma tragédia abateu-se sobre Schubert em 1823. Ele ficou sabendo que contraíra sífilis, então incurável e mortal, o que o abateu abissalmente e o impediu de pensar em projetar uma relação séria com alguma moça de quem viesse a gostar. A partir dessa descoberta, a doença, de maneira progressiva, literalmente o carcomeu, vitimando-o cinco anos mais tarde. Impressiona saber que foi a partir desse momento que o compositor passou a compor suas mais belas obras-primas.

É difícil acreditar que, mesmo nos piores momentos de sua existência, Schubert tenha escrito música de tal vitalidade, dona de um espírito tão elevado e de efeito tão enredante e prazeroso. É verdade que tentou, inutilmente, criar uma ópera que lhe garantisse prestígio e dinheiro. Deixou-nos quase vinte, entre completas e inacabadas. Mas o que ele nos legou só pode mesmo ser chamado de um maravilhoso tesouro: nove sinfonias, vários quartetos de cordas (dentre os quais os apelidados de “A Morte e a Donzela” e “Rosamunde”), muita música religiosa e coros profanos destinados a variadas formações. O quinteto com piano “A truta”, o trio com teclado, *opus* 100, a sonata “Arpeggione” e o *Quinteto de Cordas, em Dó maior*, são apenas algumas das pontas do iceberg de uma produção de câmara numerosa e encantadora, contendo partituras que o ouvido sensível costuma apreciar com verdadeira comoção.

Além disso tudo, há sua colorida música para piano solo ou para piano a quatro mãos: mais de vinte sonatas, várias delas muito originais e nada beethovenianas, diversos conjuntos de variações, aberturas, danças animadas e fantasias. Os oito celestiais *Impromptus*, as 34 *Valsas Sentimentais*, o sonhador *Divertimento à Húngara*, a heroica “Fantasia Wanderer” e as desopilantes *Marchas Militares* são apenas algumas das obras dessa arca pianística que parece não ter fundo ou fim. Às vezes, o estilo pianístico de Schubert mostra-se leve, como que de autoria de algum vienense despreocupado. Muito raramente, ele é virtuosístico, mas quando isso acontece, é de maneira eficaz e necessária. Em sua produção mais madura, o piano é posto a serviço de um lirismo inteiramente inovador e das mudanças de temperamento feitas à base de claros e escuros conseguidos mediante inesperadas trocas de tonalidade. Ah, sim, ele foi um dos grandes mestres da modulação. Várias das obras dessa parcela da produção de Schubert,



Investindo na *música* para
harmonizar *relações*.



SUZANO

85 anos de contribuição
para a cultura brasileira.

tão originais e diferentes, podem tranquilamente ser colocadas ao lado das assinadas por Beethoven. Ambos foram artistas clássicos, mas, no núcleo de suas personalidades, já se encontravam em germinação alguns dos elementos anunciadores do Romantismo que haveria de surgir dali a pouco.

A canção

Foi o domínio da canção (*Lied*, em alemão) que garantiu a Schubert, ainda vivo, algum renome e eternizou seu nome como o do maior criador no gênero. Começou a escrever esses privilegiados amálgamas de texto poético e música vocal aos 13 anos de idade, concebendo sua primeira obra-prima incontestável aos 17, quando colocou no papel “Gretchen am Spinnrade” (Margarida à roca), sobre texto do primeiro *Fausto* de Goethe, no dia 19 de outubro de 1814.

Só deixaria de inventar canções poucos dias antes da morte, em outubro de 1828. Uma das derradeiras produções nesse âmbito é a “cena” extraordinariamente bela intitulada “Der Hirt auf dem Felsen” (O pastor no rochedo), sobre texto de Müller (e de von Chézy). Nela, um clarinete vem fazer aérea e acrobática companhia à voz e ao piano, estabelecendo com eles um percurso de sonho e de maravilhas. Pesquisas recentes apontam “Die Taubenpost” (O pombo-correio) como sendo efetivamente o seu derradeiro *Lied*.

Geralmente curtos, os *Lieder* dos tempos de Schubert costumavam se basear em velhas canções populares estróficas, de melodias e harmonias bastante simples, com textos via de regra ingênuos, simplórios. Esses *Lieder* eram uma herança bastante antiga da cultura austro-germânica, que nosso compositor soube transcender, recriando-a em pauta requintada e erudita. E, não por último, neles empregando uma linguagem moderna, já que romântica, como querem vários de seus comentadores.

As canções à base de estrofes — estritas ou variadas — e aquelas elaboradas a partir de um tipo de “desenvolvimento temático contínuo” (*Durchführung*) foram as principais formas empregadas por Schubert em seus mais de seiscientos *Lieder*. E era a rigor o piano que acompanhava a cintilação melódica, fornecendo à voz a sutileza de um tratamento harmônico cambiante, gerador de efeitos de claro e escuro, de lirismo e de dramaticidade. O piano podia produzir figuras que ora sugeriam o fluir da água (“A truta”), ora o rodar de uma máquina de fiar (“Margarida à roca”), ou, ainda, o tropel de um cavalo (“O rei dos elfos”). E, ao realizar contramelodias ou harmonias refinadas, o piano também podia estabelecer uma “moldura sonora” que dava outras conotações, ampliando a significação do texto poético transformado em canto.

Beethoven foi quem primeiro teve a ideia de enfeixar canções sobre poemas de um mesmo autor, tratando de um determinado tema

poético, em um ciclo de arquitetura coerente, unitária. Seu ciclo inaugural de canções foi *An die ferne Geliebte*, opus 98 (À amada distante), sobre seis poemas de Jeitteles, de 1815-16. Schubert, por sua volta, concebeu dois ciclos inovadores de canções — *Die schöne Müllerin* (A bela moleira, 1823) e *Winterreise* (Viagem de inverno, 1828) —, ampliando a concepção beethoveniana graças a um lirismo singular, ao tratamento pianístico repleto de símbolos significantes e ao estabelecimento de nexos entre as canções integrantes do ciclo; isso para não falar na enorme ampliação do número de canções reunidas nessas coleções. (O lindo *Schwanengesang*, “O canto do cisne”, não é propriamente um ciclo, na medida em que seus poemas não foram escolhidos ou reunidos por Schubert, mas por seu irmão Ferdinand, que, depois da morte de Franz, ofereceu a um editor uma seleção deles, publicada em 1829. Se essas canções flagram o derradeiro Schubert, o título da antologia é de paternidade desconhecida).

Die schöne Müllerin

Foi em 1823 que Schubert colocou música em vinte poemas de Wilhelm Müller, batizando o ciclo de *Lieder* de *Die schöne Müllerin*, a bela moleira. A coleção seria publicada em cinco cadernos por Sauer & Leinsdorf, entre março e agosto de 1824. São estes os *Lieder* que a compõem:

Das Wandern (Caminhar). Prólogo em que o ritmo do caminhar, a marcha, e o barulho da água corrente, sempre ligados à imagem do jovem moleiro, são evocados, junto com seu desejo de viajar;

Wohin? (Para onde?). Seguindo o regato sem bem saber por quê, o rapaz pergunta: “É esse o meu caminho?” Questão posta no ritmo da caminhada, aos sons provenientes do inquieto riacho;

Halt! (Alto lá!). Ele vê um moinho acolhedor e encantador. Cheio de alegria, o rapaz pergunta: “Querido regato, era isso que querias dizer?”;

Danksagung an den Bach (Agradecimento ao regato). “Era o que querias dizer, meu amigo murmurante?”, pergunta o rapaz, também desejando saber se foi a bela moleira quem o enviou;

Am Feierabend (No fim do dia). Nosso herói se sente fraco, depois de tanto labor. O dono da casa e sua filha aparecem para aprovar o trabalho feito e para dar boa-noite a todos os empregados do lugar;

Der Neugierige (O curioso). Não questionando as flores ou as estrelas, é para o regato que ele pergunta se a moleira o ama. Sim e não: “as duas [palavras], para mim, são todo o universo”;

Ungeduld (Impaciência). Ele diz que gostaria de escrever em todos os troncos de árvores: “Meu coração é e será sempre teu!”. E repete essa declaração ao final de cada estrofe. O rapaz está visivelmente apaixonado pela bela moleira;



Se a responsabilidade é grande, a alegria é três vezes maior.

O imprevisto tem dois lados. Fique com o melhor, fique com o Seguro Ouro Vida.

Com o **Seguro Ouro Vida**, você aproveita a vida sem preocupação e ainda conta com 39 serviços de assistência. Faça já o seu em qualquer agência do Banco do Brasil ou pelo bb.com.br.

Banco do Brasil.

Faz diferença ter um banco todo seu.

BANCO DO GABRIEL

Morgengruss (Saudação matinal). Na manhã ensolarada, ele chama a bela moça, inutilmente. Ainda que a cotovia cante lá no alto, os encantos e as tristezas do amor jazem nas profundezas do coração do jovem moleiro;

Des Müllers Blumen (As flores do moleiro). O moço pede às flores “de olhos azuis” que plantará sob a janela da moça que digam a ela “aquilo que sabeis que penso”. E que, quando ela estiver a dormir, suspirem ao seu ouvido: “não te esqueças de mim”;

Tränenregen (Chuva de lágrimas). Não olhando a lua nem as estrelas, é no reflexo prateado da água do regato que ele vê a amada. Na noite de pura beleza, ela por fim lhe diz: “Vai chover. Adeus, vou-me para casa”;

Mein! (Minha!). O rapaz pede para que tudo fique em silêncio, pois quer que ressoe por toda parte: “A moleira amada é minha!”. E complementa: “Sozinho estou com esta palavra: ‘minha’, incompreendido por toda a criação!”;

Pause (Pausa). Pondo o alaúde para descansar e cingindo-o com uma fita verde, o moço pergunta se os futuros sons do instrumento serão um eco da sua tristeza de amar ou o prelúdio de novas canções;

Mit dem grünen Lautenbände (Com a fita verde do alaúde). Sendo o verde a cor da esperança, o rapaz dá à moça a fita verde do alaúde, para que ela a use nos cabelos. E sabendo onde o amor agora está, também ele passará a gostar dessa cor;

Der Jäger (O caçador). Apresenta-se aquele que será o rival do pobre moleiro: um caçador vestido de verde. “Cala o som da tua trompa”, admoesta o rapaz, inquieto com a presença do intruso que, a seu ver, seria melhor que ficasse na floresta;

Eifersucht und Stolz (Ciúme e orgulho). Testemunho da sedução, o “querido regato” é encarregado de admoestar a moça contra o caçador, sem mencionar o rosto triste do moleiro. Seu coração desvairado bate no vazio;

Die liebe Farbe (A cor amada). Porque sua amada “gosta tanto de verde”, o moleiro vê essa cor em todo lugar — na roupa do caçador, nos ciprestes —, recomendando que seu túmulo não ostente “nem cruz negra nem flores coloridas”, mas seja apenas rodeado de verde;

Die böse Farbe (A cor odiada). O pobre moleiro vê o maléfico verde em tudo. Assim, quer “partir para terras longínquas”. Se ao menos as coisas não fossem assim tão verdes, comenta ele, desejando se

prostrar diante da porta da amada, “em meio à tempestade, à chuva e à neve”, cantando apenas uma palavra: “adeus!”;

Trockne Blumen (Flores secas). Todas as flores estarão secas e pálidas. Mas o jovem moleiro garante que, quando passar por seu túmulo, a moça dirá: “Aquele queria-me bem!”. Assim, todas as flores se abrirão, trazendo a primavera e fazendo partir o inverno;

Der Müller und der Bach (O moleiro e o regato). Onde “um coração fiel morre de amor” flores e até mesmo anjos e uma estrela aparecem; e a lua cheia se esconde atrás das nuvens para ocultar seu pranto. Pedindo para que “o querido regato” cante sempre, o moleiro diz que, perto dele, encontrará sua paz;

Des Baches Wiegenlied (A canção de ninar do regato). Como um epílogo, pois o moleiro está morto, são do regato as derradeiras palavras: “Repousa em paz, repousa em paz! Fecha os olhos, caminhante fatigado, estás em casa. A fidelidade está aqui, ao pé de mim deves repousar até que o mar engula os regatos”.

Schwanengesang

Nos três meses finais de sua vida, Schubert andava a escrever muita música instrumental, inclusive uma nova sinfonia. Entretanto, a vontade de se expressar por meio de palavras fez com que ele também retornasse ao *Lied*. Parte do resultado desse esforço feito em meio à horrível doença — 14 canções — foi, depois, reunida por seu irmão, Ferdinand, que as entregou ao editor, Haslinger. Este se encarregou da sua publicação no ano seguinte, com título apócrifo — “O canto do cisne” —, ainda que aí estejam de fato algumas das últimas canções do compositor. Conjunto heteróclito, ele reúne sete *Lieder* sobre poemas de Rellstab, seis sobre poesias de Heine e um sobre texto de Seidl. Não existe uma ordem estabelecida na coleção de canções. Assim, elas são brevemente comentadas aqui, reunidas de acordo com a autoria dos poemas, na medida em que Schubert tinha o costume de musicar vários poemas de um mesmo poeta em sucessão.

Ludwig Rellstab (1799-1860)

Conhecendo o trabalho de Rellstab há pouco tempo, Schubert musicou vários de seus textos poéticos. Ao lado dos de Heine e de Seidl, esses poemas abordavam alguns dos temas prediletos do compositor: a viagem, o distanciamento, a ausência e a perda do objeto amado, a nostalgia. Tudo isso, o músico via sem tragédia e, por vezes, até com uma ponta de sorriso.

Liebesbotschaft (Mensagem de amor). De novo, um regato “límpido e prateado” aparece em uma canção do autor — pela última vez. É através desse fio de água que o eu-poético pede: “Embalá minha amada num sono suave, murmura-lhe doce sossego, sussurrando-lhe sonhos de amor”, pois “seu amado em breve tornará”;

Kriegers Ahnung (O pressentimento do guerreiro). Na véspera do combate, o coração está ansioso e nostálgico, porque longe da amada. Canção de clima noturno e pesado, que só encontra alguma luz na lembrança dos dias felizes passados junto da amada;

Frühlingssehnsucht (Anseio primaveril). Cheio de saudades, o coração leva o poeta até o vale. Ele gostaria de seguir as brisas apaziguantes, enquanto as flores cintilam ao sol. Mas “só tu podes libertar a primavera em meu coração”, ele diz;

Ständchen (Serenata). Talvez a mais célebre canção de Schubert, graças ao encanto de sua melodia e ao tom deliciosamente obsessivo do acompanhamento do piano. O poeta cantor pede à amada que venha encontrá-lo na calma da noite;

Aufenthalt (Paragem). Cheio de sofrimento, sem encontrar repouso, o homem está na natureza inóspita, em meio às coisas que o veem chorar. Como as rochas antigas, a sua dor permanece;

In der Ferne (Na distância). Pranto de um infeliz sem esperança que foge do mundo, deixando a casa materna e os amigos, confiando à natureza a tarefa de saudar aquela que partiu “o coração fiel”;

Abschied (Despedida). O viajante se despede de tudo que ama, de tudo que jamais voltará a ver. E faz isso montado em seu cavalo e com alegria juvenil.

Heinrich Heine (1797-1856)

Atlas (Atlas). Lamento do gigante condenado a carregar sobre os ombros todas as dores do mundo. Em sua busca orgulhosa do infinito, foi a infelicidade eterna o que encontrou;

Ihr Bild (Sua imagem). Falando acerca de um sonho, ele diz contemplando a imagem da amada, que, por encanto, ganhou vida: “Não consigo acreditar que te perdi!”;

Das Fischermädchen (A pescadora). O eu-poético, com boa dose de audácia, convida a jovem pescadora para que ela venha ficar a seu lado, apoiando a cabeça em seu ombro, a fim de que ambos namorem “de mãos dadas”;

Die Stadt (A cidade). De seu barco, o poeta se dá conta da cidade e de suas torres no horizonte distante. E o sol esplêndido volta a iluminar o lugar onde ele perdeu sua amada;

Am Meer (À beira-mar). Junto ao mar, brilhando no ocaso, ele se lembra de vê-la chorar lágrimas de amor. Bebeu-lhe as lágrimas das mãos brancas. Mas essas lágrimas o envenenaram;

Der Doppelgänger (O duplo). A noite silenciosa e a casa onde ela vivia. Diante dela, um desconhecido, um infeliz “torce as mãos no desespero da dor”. Por que esse “pálido companheiro” traz de volta

o tormento de amor que o poeta havia sentido por tantas noites, no passado?

Johann Gabriel Seidl (1804-1875)

Die Taubenpost (O pombo-correio). Mil vezes por dia, o poeta envia seu pombo-correio, levando mensagens à amada. O pássaro é o mensageiro dos corações fiéis. “Seu nome é — Saudade!”.

Drei Klavierstücke, D.946

Parece ter sido em maio do seu derradeiro ano de existência, em 1828, que Schubert compôs as *Três Peças para Piano* que o musicólogo Otto Deutsch catalogou como D.946. Há quem as considere uma nova série de “Improvisos” (*Impromptus*), ainda em andamento, enquanto outros veem aí uma sonata inacabada. Seja como for, essas peças só foram publicadas em 1868, por iniciativa de Brahms.

A primeira delas, um *Allegro assai* em Mi bemol menor, é um rondó em 2/4 que conta com passagens especialmente apaixonadas e, por vezes, de tom um tanto ameaçador. Na parte interna, a música se torna mais pacífica.

A segunda peça é um *Allegretto* em ritmo 6/8 e na tonalidade de Mi bemol maior. Sua forma é a mesma da peça anterior, só que, aqui, as partes principais são calmas, enquanto os episódios mediais possuem atmosferas visionárias, até mesmo desesperadas.

A última peça do tríptico é um *Allegro* em Dó maior, de ritmo binário, em forma A-B-A, com Coda. Brilhante como raras outras obras para piano do autor, ela é poderosamente rítmica, de uma rudeza que a aproxima de certos *Scherzi* de Beethoven. “A espiritual Coda coroa com brilho esse ciclo de alta significação, que merece ser conhecido e amado como as outras peças líricas de Schubert”, escreveu Heinrich Halbreich.

Comentários por J. Jota de Moraes

INFORMAÇÃO É DIFERENTE DE CONHECIMENTO.

A informação está em todo lugar. O conhecimento é difícil de achar. A informação passa. O conhecimento fica. *A informação vem até você. O conhecimento leva mais longe.*

SE HOJE EM DIA A INFORMAÇÃO É DE GRAÇA:

QUAL É O VALOR DO CONHECIMENTO?

Amplie | Questione | Atualize | seu conhecimento



O ESTADO DE S. PAULO

PATROCÍNIO

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é associar o nome de sua empresa a uma programação sempre em relevo no calendário artístico anual de São Paulo.

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é estar ao lado de uma entidade de grande importância na história da cultura brasileira — uma organização que há quase cem anos desfruta de ampla visibilidade pública e de grande respeito nos meios de comunicação do país.

Desde 1912, a Sociedade de Cultura Artística tem se destacado pela excelência de sua programação musical e artística, pelo profissionalismo de suas realizações, pelo carinho que lhe dispensa o público e pelo prestígio de que desfruta na imprensa dedicada às artes e à cultura.

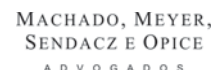
PATROCINADORES PLATINA



PATROCINADORES OURO



PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE





**MAKSOU
PLAZA**
*Hospitalidade,
elegância
e serviço impecável*



*Apartamentos e suítes
Centro gastronômico 24 horas
Banquetes e eventos*



MAKSOU PLAZA
SÃO PAULO - BRASIL

Informações e reservas
Toll free Brasil - 0800.0.13.44.11
www.maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 • Bela Vista • CEP 01404-900 • São Paulo • SP • Brasil
Tel (55 11) 3145 8000 • Fax (55 11) 3145 8001 • maksoud@maksoud.com.br

Não Perca o Espetáculo

Emoções que o Tempo não Apaga - Uma Crônica Musical

Sempre às Sextas às 21h. No Teatro Maksoud Plaza. Vendas pelo Telefone (11) 3188 4147.

2009 SOCIEDADE DE CULTURA 2010 ARTÍSTICA

Sala São Paulo

ORCHESTRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES
PHILIPPE HERREWEGHE REGÊNCIA

27 e 28 de abril

ORCHESTRE DE LA SUISSE ROMANDE
MAREK JANOWSKI REGÊNCIA
JEAN-YVES THIBAUDET PIANO

4 e 5 de maio

CONCERTO KÖLN
VIVICA GENAUX MEZZOSOPRANO

26 e 27 de maio

HILARY HAHN VIOLINO
VALENTINA LISITSA PIANO

16 e 17 de junho

EMERSON STRING QUARTET

3 e 4 de julho

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ISRAEL
ZUBIN MEHTA REGÊNCIA

10 e 11 de agosto

CAMERATA SALZBURG
LEONIDAS KAVAKOS VIOLINO

29 e 30 de agosto

NATHALIE STUTZMANN CONTRALTO
INGER SÖDERGREN PIANO

21 e 22 de setembro

ARCADI VOLODOS PIANO

20 e 21 de outubro

ORQUESTRA DA WIENER AKADEMIE
MARTIN HASELBÖCK REGÊNCIA
CHORUS SINE NOMINE

27 e 28 de outubro

Datas e programação sujeitas a alterações.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretor Presidente

José E. Mindlin

Vice-Presidente

Cláudio Sonder

Diretor Tesoureiro

Antonio Hermann D. M. de Azevedo

Diretor Secretário

Pedro Herz

Diretora Artística

Gioconda Bordon

Diretores

Fernando Carramaschi

Fernando Xavier Ferreira

Gérard Loeb

Jayme Sverner

Ricardo Luiz Becker

Roberto Crisiuma Mesquita

Superintendente

Gérald Perret

Conselho

José E. Mindlin Presidente

João Lara Mesquita Vice-Presidente

Milú Villela

Affonso Celso Pastore

Antonio Ermírio de Moraes

Carlos J. Rauscher

Fernando Xavier Ferreira

Francisco Mesquita Neto

Henri-Philippe Reichstul

Henrique Meirelles

José Luis de Freitas Valle

José M. Martinez Zaragoza

Mário Arthur Adler

Plínio José Marafon

Salim Taufic Schahin

Thomas Michael Lanz

Conselho Consultivo

Sylvia Kowarick

Alfredo N. Rizkallah

Hermann Wever

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo

José Serra

Secretário de Estado da Cultura

João Sayad

Secretário-adjunto

Ronaldo Bianchi

Chefe de Gabinete

Sergio Tiezzi

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

Regente Principal

Yan Pascal Tortelier

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração

Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo

Marcelo Lopes

Superintendente

Fausto Augusto Marcucci Arruda

Diretor de Marketing

Carlos Harasawa

Supervisora de Publicidade

Marcele Lucon Ghelardi

Supervisora de Eventos

Mauren Stieven

Coordenadora de Comunicação Institucional

Eneida Monaco

Assessoria de Imprensa

Alexandre Félix

Desirée Furoni

Supervisora de Sites

Fabiana Ghantous

Supervisora de Publicações

Fernanda Salvetti Mosaner

Coordenador de Produção

Marcelo dos Santos Silva

Coordenadora de Produção de Eventos

Monica Cassia Ferreira

Produtores

Lucy Carvalho

Mauro Candotti

Assistente de Produção

Viviane Martins Bressan

Auxiliares de Produção

Marildo Lopes de Sousa Jr

Maylime Dias Abreu

Regiane Sampaio Bezerra

Vinicius Goy de Aro

Técnicos de Apoio a Eventos

Arnaldo Epifânio da Silva

Athaíde Fontes

Supervisor de Acústica

Cassio Mendes Antas

Técnico de Acústica

Reinaldo Marques de Oliveira

Coordenador Técnico

Marcello Anjinho

Assistente do Departamento Técnico

Nil Campos

Supervisores de Montagem

João André Blásio

Paulo Broda

Controlador de Acesso – encarregado

Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – encarregado

Samuel Calebe Alves



Alguns pensam
música clássica.

**Nós pensamos
comprometimento.**

©2008 CREDIT SUISSE GROUP and/or its affiliates. All rights reserved.

Private Banking • Investment Banking • Asset Management

Observamos o mundo por uma perspectiva diferente — sempre em benefício de nossos clientes. Ter nossa experiência e especialização como alicerces para proporcionar excelência é um enfoque que compartilhamos com a Sociedade Cultura Artística. Ao desafiar os raciocínios convencionais, ajudamos nossos clientes a perceber novas oportunidades. Esta é a nossa ambição desde 1856.
www.credit-suisse.com

Pensando Novas Perspectivas.





cpfl cultura. marque um encontro com as grandes ideias do mundo contemporâneo.

Refletir sobre os desafios atuais, expandir as fronteiras do pensamento. Diferentes pontos de vista, em diferentes pontos de encontro.

Conheça nossas programações e acesse nossos conteúdos no site www.cpflcultura.com.br

Apoio Institucional



Patrocínio

cpflcultura